

## **AS OPOSIÇÕES EMEDEBISTAS: OS GRUPOS DE OPOSIÇÃO DENTRO DA OPOSIÇÃO**

### **THE EMEDEBISTA OPPOSITIONS: THE OPPOSITION GROUPS WITHIN THE OPPOSITION**

Tamires Mascarenhas Pecoraro<sup>1</sup>

#### Resumo

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) é um partido do atual cenário político brasileiro de grande peso, constituindo, por vezes, o chamado “centrão”. O MDB tem suas raízes políticas surgidas em meio ao processo da ditadura militar, instaurado em 1964. Seu nascimento, em 1966, deu-se por meio de imposições legais, como AI-2 e AC-4, que buscavam controlar os agentes políticos e dar uma áurea de permanência democrática. Por conta dessas imposições e restrições, o MDB teve em seus quadros diferentes ideologias políticas, que por vezes debatiam-se internamente para dar a direção de atuação pela qual o partido deveria seguir sua função de oposição ao regime autoritário implantado. Desse processo, surgiram, em diferentes momentos, grupos internos no MDB, dados a uma oposição de cunho mais ferrenho ao regime, como o grupo dos imaturos, em 1967, e o grupo autêntico, em 1971, os quais discutiremos nesse artigo.

Palavras-chaves: Movimento Democrático Brasileiro (MDB); grupo dos imaturos; grupo autêntico.

#### Abstract

The Brazilian Democratic Movement (MDB) is a party of the current Brazilian political scenario of great weight, sometimes constituting the so-called “centrão”. The MDB has its political roots arising during the process of the military dictatorship, established in 1964. Its birth, in 1966, took place through legal impositions, such as AI-2 and AC-4, which sought to control political agents and give an aura of democratic permanence. Due to these impositions and restrictions, the MDB had different political ideologies in its ranks, which sometimes struggled internally to give the direction of action by which the

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela UFRRJ.

party should follow its function of opposition to the authoritarian regime being implemented. From this process, at different times, internal groups in the MDB died, given to a more ferocious opposition to the regime, such as the immature group, in 1967, and the authentic group, in 1971, which we will discuss in this article.

Keywords: Brazilian Democratic Movement (MDB); immature group; authentic group.

### **Introdução: a formação histórico-política do MDB**

O Movimento Democrático Brasileiro (MDB) é um partido tradicional na recente democracia brasileira. Partido criado durante a ditadura militar para congregar a oposição consentida ao novo regime autoritário, então em um sistema bipartidário, ele atravessou esse período, tornando-se o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), em 1979, com o retorno ao pluripartidarismo. Já em 2017, apelando para a memória de luta pela democracia, em um período em que o sistema político brasileiro se encontrava abalado pela operação Lava-Jato, o partido retornou ao uso de sua antiga sigla, MDB. Identificado, hoje, como um partido de centro, sua formação e trajetória apontam, na ditadura, para uma heterogeneidade de ideologias internamente.

Antes de adentrar as questões de formação e constituição do MDB, cabe destacar que esse artigo parte da análise do conceito de *partido político* desenvolvido por Giovanni Sartori (1982). Para Sartori “[...] os partidos são instrumentos das vantagens coletivas, de um fim que não apenas a vantagem privada dos competidores [...]. Em suma, os partidos são instrumentos *funcionais* – servem a objetivos e desempenham papéis [...] (SARTORI, 1982, p. 46) [grifo no original]. Ou seja, o MDB, apesar de não ter se constituído de uma necessidade *a priori* a sua formação entre seus pares, se estruturou da necessidade, que se instituiu em seu objetivo, de ser um canal de oposição à ditadura militar que então se instalava. A sua principal e mais importante bandeira passou a ser a defesa do retorno ao estado democrático, além desse converte-se no elemento aglutinador de diferentes vozes componentes da agremiação. Também, Sartori aborda que os partidos podem constituir-se de subunidades partidárias.

“[...] um partido é um agregado de pessoas que formam constelações de grupos rivais. [...] essas divisões internas do partido, juntamente como tipo de interações dela resultantes, constituem por si uma área de preocupação distinta e crucial. A questão é, portanto, como a unidade “partido” é articulada, ou desarticulada, pelas subunidades. [...] o próprio partido é – de dentro – um sistema (SARTORI, 1982, p. 94).

Dessa maneira, ao compreender que os partidos podem sofrer divisões internas e elas são de suma importância para compreender as constituições do partido bem como a sua estrutura de atuação, nos ajuda aqui a analisar a formação dos grupos que se instituíram no partido em períodos distintos e como eles contribuíram para a articulação da atuação partidária oposicionista.

Agora, retornando à história do MDB, ela se inicia a partir da instituição do segundo Ato Institucional (AI-2), em 27 de outubro de 1965. Dentre as medidas desse recurso legal imposto, em seu artigo 18, ficou definido a extinção de todos os partidos políticos existentes naquele período. Segundo este mesmo artigo, os novos partidos deveriam seguir a Lei nº4.740, de 15 de julho de 1965 (Lei orgânica dos Partidos Políticos) e suas modificações. Porém, na verdade, o que se seguiu ao AI-2 foi a imposição do Ato Complementar de número 4 (AC-4), que delimitou a formação de novas agremiações provisórias, que futuramente deveriam constituir os novos partidos no regime militar.

Ao que os autores sobre o período indicam, como Marcos Napolitano (2014) e Thomas Skidmore (1988), o AI-2 foi estabelecido com vistas à derrota eleitoral sofrida pelo partido que até então representava os interesses vinculados a ditadura que se implantava, a União Democrática Nacional (UDN). A UDN vinha do período político anterior, conhecido como “Experiência Democrática” ou “República Populista”, no pós-Era Vargas. A identidade do partido era ligada a uma imagem de antigetulismo e antipopulismo, ao passo que defendiam o liberalismo clássico e posições conservadoras e moralistas, além da proximidade com camadas médias da sociedade e setores militares (BENEVIDES, 1980). Seções desse partido foram favoráveis e apoiadores do golpe liderado pelo Exército em 1964.

A derrota eleitoral mencionada acima ocorreu nas eleições para governadores de 1965, em estados decisivos e importantes como Guanabara e Minas Gerais, vencidas pela coligação entre o Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro (PSD-PTB). Para Fábio Wanderley Reis, a mobilização dos setores populares promovida pelas lideranças políticas populistas, representada pela coligação dos partidos PTB e PSD, principalmente pelo PTB, foi um dos fatores que colaborou para a extinção dos partidos políticos (REIS, 2009), visto que tinham grande apelo eleitoral frente a UDN. Somado a isso, o Parlamento, controlado pelo PSD, não estava disposto a negociar e aprovar as

emendas constitucionais enviadas pelo presidente Castelo Branco, que limitavam os poderes do judiciário e do legislativo (NAPOLITANO, 2014). O AI-2 foi editado no mesmo dia em que o governo não obteve o consenso do Congresso Nacional a seu favor.

Expedido em 20 de novembro de 1965, o AC-4 foi chamado pela mídia como Ato dos Partidos.<sup>2</sup> Pelas suas determinações, novas agremiações provisórias deveriam ser formadas em 45 dias, a partir do Congresso Nacional, sendo necessário um número superior a 120 deputados e 20 senadores. Dessa forma, as novas regras para a formação de incipientes agremiações políticas, baseado na edição do AC-4, limitaram a formação dos grupos políticos, principalmente no que diz respeito à constituição de uma oposição ao governo que era implantado, também por conta do processo de expurgo que acometeu o Congresso, já a partir de 1964 e que permaneceu por quase todo o período ditatorial.

Com o AC-4 limitando a formação de novas agremiações no Congresso, houve uma dificuldade para a formação de um partido de oposição que realmente pudesse se valer desse título para fazer uma política incisiva. Seus quadros mais combativos foram vitimados por cassações e exílios. Não à toa, o grupo de oposição que conseguiu se formar foi chamado de “oposição consentida”, por haver ali nomes tolerados pelo governo, sendo também chamado como partido do “sim” por usarem por diversas vezes de tom conciliatório e moderado, visto que caso eles se colocassem mais combativos do que era permitido pelo governo, sofreriam pressões ou até cassações (GRINBERG, 2009).

Dado o fim dos partidos existentes pré-1965, os políticos tinham 45 dias para se organizarem dentro do Congresso, criando agremiações a partir do poder federal junto a outras instâncias, ou seja, de forma vertical, de cima para baixo. Os dois partidos nasceram não de maneira orgânica por vontade de um grupo social que expressasse a necessidade de organização em prol de novos programas a serem defendidos, mas sim das circunstâncias histórico-políticas que foram impostas.

Por força maior, então, políticos de diferentes bandeiras ideológicas juntaram-se em torno de duas agremiações: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que se constituiu no partido de base do governo, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que congregou as diferentes vozes de oposição à ditadura instalada no país. Entre outros motivos, os expurgos promovidos pelas cassações e o medo dessas represálias contribuíram para que poucos políticos optassem por ser oposição ao governo. O MDB

---

<sup>2</sup> Tal nome apareceu nas edições do Jornal do Brasil, Estado de São Paulo e Folha de São Paulo nas edições posteriores ao dia 21 de novembro de 1965 em que era discutido em matérias sobre essa lei.

foi formado, em sua maioria, por políticos que vinham dos quadros do PTB, partido que mais sofreu com cassações nos primeiros anos do regime militar.

Tabela 1 – Formação do MDB a partir da Câmara dos Deputados:

Antigos Partidos	Arena	MDB
UDN	86	9
PSD	78	43
PTB	38	78
OUTROS	55	19
TOTAL	257	149

Fonte: PECORARO, 2019, p. 19.

A tabela acima demonstra como, por exemplo na Câmara dos Deputados, o quadro mais expressivo na formação do MDB veio do antigo PTB, seguido por membros do PSD e de outras siglas. Caso semelhante ocorreu pelo Senado Federal, onde a constituição do MDB partiu de uma maioria de senadores petebistas, seguidos expressivamente por senadores pessedistas e, em menor número, de outras siglas (PECORARO, 2019).

“O fato de o MDB ter sido, ao lado do partido da situação, a única organização legal permitida pelo regime, fez dele o espaço de políticos de uma ampla gradação ideológica” (KINZO, 1988, p. 55). Assim, é importante notar como esse partido se formou como uma espécie de uma frente, abarcando em sua postura oposicionista uma heterogeneidade de pensamentos e tradições políticas. A unidade de diferentes matizes políticas e ideológicas esteve congregada em torno da proclamada defesa da democracia.

Isso possibilitou que dentro do MDB houvesse “desde conservadores, liberais, sociais-democratas e reformistas, até várias tonalidades de esquerda” (KINZO, 1988, p. 56), permitindo uma atuação desde mais conciliatórias até mais reacionária. É essa tonalidade mais a ação que pretendemos apresentar nesse texto, com destaque para dois períodos: 1967, com o surgimento do grupo dos imaturos, e em 1971, com a formação do grupo dos autênticos.

### **O grupo dos imaturos**

Desde os momentos iniciais que se seguiu ao golpe civil-militar de 1964, várias vozes descontentes passaram a fazer oposição ao regime autoritário que vinha se implantando, não necessariamente apenas dentro do MDB. Uma dessas vozes desembocou no movimento da Frente Ampla, uma articulação política em prol da redemocratização, criada em 1966 por Carlos Lacerda com apoio de Juscelino Kubitschek e João Goulart. Além da atuação que vinha sendo feita por esta Frente, o ano de 1968 foi desafiador para o projeto de nação que os civis e militares a favor do golpe projetavam. Esse ano foi marcado por manifestações estudantis (MOTTA, 2014) e sindicais com greves, além de vários movimentos da sociedade civil com protestos de rua (ALVES, 1989). “Ocorreram em 1967 e 1968 importantes manifestações contra a política econômica e social do Estado, e uma rápida reorganização de setores de oposição na sociedade civil” (ALVES, 1989, p. 115).

Diante desse cenário conturbado e grande agitação político-social, o MDB teve que se posicionar em relação aos fatos. Quanto à frente política formada por Lacerda, o que prevaleceu no partido legal de oposição foi seu tom moderado enquanto instituição. De acordo com Maria D’Alva Kinzo (1988), diante da repressão e do crescimento da Frente Ampla, o MDB pendia para o “antilacerdismo”, dado o temor de aumento da violência e autoritarismo do Estado, além do receio de perder sua representatividade e funcionalidade enquanto partido e canal de oposição. Essas leituras operavam como entraves à sua participação na Frente Ampla.

Porém, isso não impediu que outros políticos emedebistas se aproximassem desse movimento. Principalmente os políticos que ficaram conhecidos como o grupo dos “imatuross” participaram dessa frente. Os congressistas conhecidos como imatuross eram novos políticos no cenário nacional, eleitos em 1966, que tinham posicionamentos e ações radicais de oposição e, sentindo o cenário social, entenderam que era necessário se posicionarem diante dos fatos (KINZO, 1988). Antes do AI-5, os parlamentares desse grupo, por meio da sua “retórica radical” e resistência, mudaram a inexpressiva imagem do MDB como oposição, tornando o partido atraente naquele período (KINZO, 1988).

Para exemplificar essa questão dos imatuross, será utilizada aqui uma edição do *Jornal do Brasil*, do dia 14 de abril de 1967, em que saíram duas matérias abordando a questão da crise na oposição no MDB e nas quais foram utilizadas o termo “imatuross” para designar esses parlamentares.

Na página 4, com título “Oposição se reunirá para livrar-se da perplexidade”, a publicação afirma que o deputado Mário Covas, então líder do MDB na Câmara dos Deputados, foi pressionado pelos novos deputados para promover uma reunião do partido para o debate de problemas políticos. Seguindo na mesma nota, é informado que tais deputados, em crítica a direção do partido, exigiam uma postura mais ativa do mesmo. O líder Mário Covas destacou: “[...] afinal de contas o MDB é um Partido e precisa tratar das questões políticas, sobretudo quando é acusado de viver em permanente perplexidade e de abrigar fortes tendências adesistas” (JORNAL DO BRASIL, Ano LXXVII, nº 5 p. 4). Na mesma linha, o deputado Hermano Alves afirmou “[...] que o Partido não mantém uma ação eficiente porque sua direção, incapaz de formular uma orientação, prefere fugir ao debate das questões políticas” (JORNAL DO BRASIL, Ano LXXVII, nº 5 p. 4). Esses deputados foram chamados de imaturos pela senhora Ivete Vargas, que os condenou por uma atitude radical.

Em outra matéria da mesma edição desse jornal, foi destacado ainda sobre o mesmo episódio citado acima:

Faltou pouco para sair pedrada na reunião de ontem da bancada do MDB na Câmara. A ala jovem do Partido perdeu a paciência quando verificou que a reunião ia acabar sem que se tomasse uma decisão qualquer sobre os problemas políticos em pauta. O Sr. Franco Montoro [...] resolveu protestar, ajudado pela deputada Ivete Vargas, que crismou os inconformados de “românticos” e “imaturos”.

O grupo de protesto contra a apatia emedebista – entre outros, os Deputados Renato Celidônio, Bernardo Cabral, Hermano Alves, Márcio Moreira Alves, Cid Carvalho e Evaldo Pinto – reclama a substituição da Comissão Executiva do Partido e uma posição mais atuante em face dos variados temas em debate no Congresso [...] (JORNAL DO BRASIL, Ano LXXVII, nº 5 p. 10).

Como demonstrado em ambas notícias, o grupo que trazia os novos deputados buscava uma atuação mais incisiva do partido, bem como uma definição de sua atuação enquanto oposição e por isso foram tachados por outros deputados do partido como imaturos, em um sentido de serem novos e inexperientes, ou até mesmo idealistas ou utópicos. Fica claro na observação de tais notícias que havia uma cisão dentro do MDB, entre seus parlamentares, em definir uma linha de atuação. É perceptível uma ala jovem buscando uma efetiva função de oposição à ditadura, enquanto o outro grupo, vindo de períodos anteriores à ditadura, recorre a um tom mais conciliatório e menos conflitivo com o governo.

Na notícia também é possível identificar alguns nomes que compuseram tal grupo, como Renato Celidônio, Bernardo Cabral, Hermano Alves, Márcio Moreira Alves, Cid Carvalho e Evaldo Pinto. Para o historiador Rafael Leite Ferreira (2018), ainda compunham esse grupo

[...] Waldemar Borges, Egídio Ferreira Lima, Clóvis Jatobá Costa Lima, Liberato Costa Júnior Dorany Sampaio, Geraldo Pinho Alves e Harlan Gadelha, deputados estaduais de primeiro mandato, com média de idade de 40 anos, que gozava do apoio e simpatia de alguns políticos mais antigos, como os deputados federais Oswaldo Lima filho, Clodomir Leite e Andrade Lima Filho (FERREIRA, 2018, p. 255).

Dentre os políticos que compuseram o grupo identificado como imaturos, destaca-se o deputado Márcio Moreira Alves. Em discurso realizado na Câmara dos Deputados, em 3 setembro de 1968, criticou a invasão violenta da polícia na Universidade de Brasília (UnB) em agosto de 1968, advertindo que era necessário promover um boicote aos militares, assim como para que os pais não deixassem que seus filhos participassem dos desfiles patrióticos de 7 de setembro, bem como para que as moças não dançassem ou namorassem cadetes e jovens oficiais. Denunciou os militares como torturadores em um livro intitulado “Tortura e Torturados” (KINZO, 1988).

O discurso foi mal recebido pelas forças armadas. Assim, os militares pediram para que Márcio Moreira Alves fosse processado (NAPOLITANO, 2014). Porém, pela Constituição de 1967, os deputados gozavam da imunidade parlamentar. Por isso, era necessária aprovação do Congresso para que o deputado fosse julgado por algo que tivesse dito na tribuna da Câmara. Mesmo com a maioria arenista, o pedido dos militares foi rejeitado pelos deputados que temiam pelo próprio direito à imunidade (ALVES, 1989).

Diante da crise, do desprestígio do governo e da forte oposição que envolvia o movimento estudantil, com apoio de diversos setores sociais, bem como o surgimento da coalizão política apartidária da Frente Ampla, o governo já contava com um dispositivo preparado desde julho de 1968, que foi finalmente editado em dezembro do mesmo ano, o AI-5 (ALVES, 1989). Usando a ocasião da crise política desencadeada pelo discurso de Moreira Alves e a derrota no Congresso, o governo passou a utilizar seu trunfo mais repressivo.

Assim, o AI-5 inaugurou um novo tempo na política brasileira, na qual predominou o mais forte autoritarismo de todo período ditatorial. Com a ampliação dos



poderes do Executivo, as cassações se multiplicaram. Um momento de incertezas passou a fazer parte da oposição, que viu sua representatividade declinar. As ações mais ousadas do MDB, que vinham sendo realizadas pelos imaturos, encontraram grande empecilho no AI-5 e o medo agora mais presente e constante das punições e cassações que freavam os políticos oposicionistas. Como exemplo, ocorreram as cassações de Moreira Alves e Carlos Lacerda logo após a edição do AI-5. Dos 139 deputados do MDB, 60 foram cassados nesse período (MOTTA, 1997, 134).

Se alguns partidários do MDB vinham buscando medidas contundentes de oposição, o AI-5 mostrou que essa posição efetiva teria consequências. Rodrigo Patto Sá Motta chegou à seguinte conclusão a respeito dos efeitos do ato sobre a dinâmica parlamentar:

Contudo, depois do AI-5, decretado em dezembro de 1968, o tom dos discursos na tribuna mudou bastante. O Congresso foi fechado no dia seguinte à edição do novo Ato Institucional e ficou em recesso por quase um ano, só reabrindo no final de 1969. Lendo os discursos proferidos entre 1969 e 1970, temos um grande contraste com o período anterior. A temática política praticamente desapareceu dos discursos, revelando a existência de um forte temor no ar. A maior parte do trabalho parlamentar passou a concentrar-se em projetos e problemas insignificantes (MOTTA, 1997, p. 134).

Assim, o Congresso foi calado pelo fechamento e pelas cassações. A oposição foi assombrada pelo constante medo. Isso refletiu nas eleições de 1970, que redundaram em um fracasso para a oposição, que elegeu pouquíssimos políticos para o Congresso Nacional. A década de 1970, pouco após a reabertura do Congresso, marcou o período em que a oposição teve que se autoavaliar e replanejar suas ações.

### **Os autênticos do MDB**

Mediante as consequências do AI-5 para o partido de oposição, o MDB, na década de 1970, no seio da agremiação chegou-se mesmo a cogitar a autodissolução, já prevista em seu programa. Diante de um grupo de oposição à ditadura desmobilizado, sem ações efetivas, as eleições de 1970 trouxeram como resultado para o MDB um desempenho muito aquém do desejado, visto que o partido teve uma perda considerável não apenas para a Arena, mas também para a campanha de votos brancos e nulos. Somando-se os votos brancos e nulos para a Câmara dos Deputados, nas eleições de 1970, sua porcentagem, aproximadamente 30%, é maior que os votos recebidos pelo MDB, aproximadamente 21% (PECORARO, 2019). Tal efeito sentiu-se também na composição

para o Senado Federal, em que votos brancos e nulos somaram aproximadamente 27%, e o MDB teve uma votação de aproximadamente em 28% dos votos (PECORARO, 2019). Tais dados indicam o comprometimento da imagem do MDB em sua luta contra a ditadura e em prol da democracia. No caso, demonstra que o MDB não era visto nem como canal de insatisfação contra a ditadura ou como possibilidade de voto de protesto. O partido poderia ser entendido por parte do eleitorado que fosse contra o governo ditatorial como mais uma peça do jogo delimitado do regime autoritário e não como um partido efetivamente de oposição.

Assim, preocupados com o possível desfecho do partido, a liderança lançou a discussão, em 1971, por meio de dois grandes congressos, nos quais foram redefinidos os programas de oposição, traçando novas estratégias de ações. No primeiro deles, no Rio Grande do Sul, em abril, por meio da Declaração de Porto Alegre, reafirmou-se o compromisso com a defesa da democracia, bem como com um programa nacionalista. Já em julho, com a Carta de Recife, a oposição passou a levantar também a bandeira da Constituinte. Nesse processo de refazer a oposição, o nascimento e organização do grupo dos autênticos deu a vitalidade que o partido precisava para se reorganizar.

Em documento produzido, em junho de 1967, pelo deputado federal David Lerer (MDB/SP), com o título de “Algumas propostas de conduta para o MDB”,<sup>3</sup> ele identificava que havia no partido três divisões em seus quadros, porém divididos em duas categorias: primeiro estavam os políticos governistas que, por algum motivo, não puderam integrar a Arena. Estes constituíam os chamados adesistas. Já na segunda categoria estavam os políticos que verdadeiramente pretendiam fazer oposição ao governo, mas expressavam seus pensamentos e ações de forma distinta. Nesse segundo grupo, basicamente, os emedebistas passaram a ser identificados futuramente em duas tendências: moderados e autênticos.

Quanto a essa primeira orientação interna ao partido, seus expoentes tratavam de fazer oposição em tom conciliatório, usando a moderação como ferramenta política no trato com a ditadura. Era um grupo formado pela maioria do MDB, e seus representantes estavam no comando do partido, sendo políticos com experiência que vinham do momento anterior ao bipartidarismo (KNZO, 1988). Já os autênticos, eram, em sua maioria, jovens políticos que entraram para o Congresso Nacional na 43ª legislatura iniciada em 1971 (NADER, 1998). Começaram sua formação com a identificação de suas

---

<sup>3</sup> Documento presente no Arquivo Ernane do Amaral Peixoto (EAP), do CPDOC.

posições comuns, seus pronunciamentos na Câmara dos Deputados, nos quais percebiam ter em comum um apelo mais ousado e de enfrentamento ao regime. Eram contrários a ação comedida da direção do MDB.

Sobre essa distinção interna no MDB, destaca-se aqui o pronunciamento do deputado Oziris Pontes (MDB-CE), na Câmara dos Deputados, em 08/06/1972:

Quando colegas da Oposição são tachados publicamente de comunistas, chego a conclusão de que há muito o que fazer para conscientizar e aprimorar o comportamento do partido de Posição.

[...]

Homem do interior nordestino, de formação conservadora, não me aliaria como aliei, aos chamados *autênticos* se entre eles comunistas houvesse. [...] Acreditei apenas nos moços que compuseram o Grupo dos Autênticos, senti-os profundamente idealistas e sérios, animados por uma vontade férvea de se organizarem e de organizar o partido.

[...] integrante do MDB, lembro a esse propósito que adversários nossos no Ceará iniciaram uma campanha de descrédito contra o meu Partido dizendo ser um partido de comunistas. [...].

Esclarecidas as razões da minha posição, no episódio das divergências entre *autênticos* e *moderados*, creio chegada a hora de apelar, em nome do bom senso e dos legítimos interesses partidários, pela cessão dessa luta, que já não tem sentido.

Agora, que com a realização da Convenção Nacional, só há razão para que cessem internamente as incompreensões, quero trazer este veemente apelo a moderados e autênticos em favor da unidade partidária. Divididas, se a as lutas internas continuarem, serão cada vez mais difíceis os nossos esforços e cada vez mais problemático o êxito deles em prol da recuperação democrática do País (CÂMARA..., 1972, p. 1583) [grifos no original].

Na fala do deputado é notável duas questões. A primeira se refere com relação ao governo e a própria Arena frente ao MDB. Em contexto interno e externo ao Brasil em período de Guerra Fria, em um governo que ascendeu, via golpe de Estado, baseando-se na luta contra os comunistas, descaracterizar seu oponente na arena política passava por associá-lo ao comunismo, principalmente os nomes mais combativos que, naquele período, encontravam-se no grupo dos autênticos. Já a segunda questão é o que já foi apresentado sobre a divisão latente do partido entre moderados e autênticos. Na disputa pela narrativa partidária e pelas propostas de atuação, ambos os grupos apresentavam dissidências em como empreender o processo de fazer oposição. A preocupação entre essa divisão partidária em tendências e como elas se comportavam, bem como isso poderia refletir não só na atuação do partido, mas como na própria existência partidária foi assunto debatido por vários deputados emedebistas na Câmara dos Deputados no início da década de 1970.

Antes do termo “autêntico” ser aplicado a esses políticos de posições mais expressivas de oposição, foram chamados ainda de ortodoxos, radicais, (NADER, 1998) ou identificados pelas suas características políticas, como em matéria do *Estadão* em que são chamados de “grupo jovem” ao marcar suas posições quanto à Carta de Recife (ESTADO DE S. PAULO, 4 de julho de 1971, p. 4). O importante é compreender que a opinião pública fazia distinção entre os grupos que formavam e agiam dentro do MDB. Era nítida, inicialmente, a diferença de postura entre os políticos do partido.

Essa distinção dentro do MDB acabava por gerar conflitos entre seus correligionários. Os moderados controlavam a liderança do partido e, na visão de diferentes políticos autênticos, impediam a participação dos políticos mais ousados em cargos importantes do partido (NADER, 1998). Para muitos autênticos, a maior luta estava travada dentro do partido, ou seja, além de serem malvistas pelo governo da ditadura, eram assim também compreendidos pelo próprio partido – mesmo que inicialmente (NADER, 1998). Além disso, no ponto de vista dos autênticos, eram eles que faziam a oposição de fato no partido. Os autênticos passaram a figurar como a “cara” do MDB (NADER, 1998).

Na legislatura iniciada em 1971, esse grupo somava 23 deputados federais, sendo eles: Alencar Furtado (CE), Álvaro Lins (CE), Amaury Müller (RS), Eloy Lenzi (RS), Fernando Cunha (GO), Fernando Lyra (PE), Francisco Amaral (SP), Francisco Pinto (Chico Pinto) (BA), Freitas Diniz (MA), Freitas Nobre (CE), Getúlio Dias (RS), Jaison Barreto (SC), Jerônimo Santana (GO), JG de Araújo Jorge (AC), João Borges (BA), Lysâneas Maciel (MG), Marcondes Gadelha (PB), Marcos Freire (PE), Nadyr Rossetti (RS), Paes de Andrade (CE), Severo Eulálio (PI), Santilli Sobrinho (SP) e Walter Silva (RJ) (NADER, 1998, p. 16). Destes políticos, todos tinham formação superior, a maioria em Direito, e alguns já estavam atuando na política a nível local ou regional, mas estreando em nível nacional na maior parte dos casos. Dos 23 autênticos, apenas sete – Francisco Amaral, Freitas Diniz, Nadir Rossetti, Paes de Andrade, Santilli Sobrinho, Álvaro Lins e João Borges – tiveram mandato na Câmara dos Deputados em legislatura anterior à iniciada em 1971. Apesar de nenhum deles afirmarem a existência de um ou mais líderes, identificavam Chico Pinto como uma das principais figuras do grupo, bem como seu principal articulador (apesar de Eloy Lenzi afirmar que partiu dele a ideia de separar na Câmara os “deputados autenticamente populares”) (NADER, 1998).

Das muitas articulações oposicionistas desenvolvidas pelos autênticos, esta foi a principal: a anticandidatura. Por meio dela, os emedebistas percorreram o país aproximando-se do eleitor, buscando expor a farsa democrática que existia no país, denunciando as eleições indiretas. Inclusive, ao estudar o grupo autêntico do MDB, Ana Beatriz Nader (1998), identificou esse grupo de 23 deputados correligionários no grupo, na elaboração e assinatura do documento que lançava a anticandidatura de Ulysses Guimarães.

Em torno dessa questão, novo confronto se formou no MDB. A direção do partido decidiu que Ulysses Guimarães seria, junto de Barbosa Lima Sobrinho, candidato à presidência da República para as eleições indiretas de janeiro de 1974. O caos se formou em torno da atuação do partido no dia das eleições indiretas. Para os autênticos, o partido deveria retirar a candidatura de Ulysses Guimarães e os deputados não deveriam comparecer à eleição, pois isso seria legitimar o modelo que questionavam (NADER, 1998). Porém, a direção do partido, em boa medida liderada pelos moderados, levou a eleição adiante. Os autênticos mostraram insatisfação, visto que a proposta da anticandidatura foi elaborada por eles. Assim recusaram-se a votar, abstando o voto em favor do povo. Entretanto, essa anticandidatura impulsionou o partido elevando a importância dos autênticos no cenário emedebista, bem como nacional.

Dessa forma, a construção dos autênticos dentro do MDB foi marcada por forte cisão entre diferentes posições e entendimentos de como fazer oposição. Entretanto, dada a importância de suas atuações, passaram a ser a face visível do MDB como um efetivo partido de oposição, o que levou outros políticos emedebistas a buscarem uma postura mais próxima desse grupo e também de oposição ao governo e ao regime. T tamanha era a importância da postura ousada assumida, que, segundo Flávia Amorim Souza (2013), nasceu na legislatura de 1975, um novo grupo: os neo-autênticos. Não buscando fugir da divisão principal que marcou as relações internas do MDB aqui já discutida, é importante notar o advento desse novo grupo pequeno dentro do partido. Eram políticos recém-incorporados após o intenso crescimento eleitoral do MDB nas eleições legislativas em 1974, que buscavam ampliar a atuação dos autênticos (SOUZA, 2013), chegando mesmo a criticá-los. Analisando o surgimento dos neo-autênticos, o deputado autêntico Fernando Cunha afirmou: “Os Neo-Autênticos achavam que os Autênticos eram ‘históricos’, os mais afoitos diziam até que éramos acomodados [...]” (NADER, 1998, p. 102).

Para finalizar, caso interessante é notar que na legislatura em que surgiu o grupo dos autênticos, de 1971 a 1975, o único parlamentar cassado, em um momento que se discutia, pelo próprio governo, uma distensão vias a abertura e descompressão política da ditadura, foi Francisco Pinto (BA), pertencente ao próprio grupo dos autênticos. Marcando a que veio, o parlamentar foi cassado por usar a tribuna da Câmara dos Deputados para atacar a visita do ditador chileno, Augusto Pinochet, ao Brasil. Para Chico Pinto

“Se aqui houvesse liberdade, o povo manifestaria o seu descontentamento [...] contra o opressor do povo chileno. Para que não lhe pareça [...] que no Brasil todos estão silenciosos e felizes com a sua presença, falo pelos que não podem falar, clamo e protesto por muitos que gostariam de reclamar e gritar nas ruas contra sua presença em nosso país” (PINTO, *apud*, AZEVEDO e RABAT, 2012, p. 194).

Essa foi a marca dos autênticos, usar sua voz no Congresso Nacional para fazer frente ao governo ditatorial, mesmo sabendo das possíveis consequências que envolveriam seus mandatos e até mesmo suas vidas pessoais. Os autênticos se estabeleceram em um período diferente da formação do grupo dos imaturos. Um AI-5 separava a áurea crédula dos que vieram primeiro e tiveram sua atuação rispidamente calada com o instrumento considerado o mais repressivo dos 21 anos da ditadura em vigor. Já os autênticos se consolidaram após a implantação do AI-5 sabendo o que esperar de sua contundente atuação. Ambos os grupos tinham em comum a ideia de que era necessário fazer uma oposição efetiva e não ser mais um mero instrumento do sistema político criado para legitimar a ditadura. O que os separou foram os contextos e distintos períodos.

### **Considerações finais**

O MDB foi uma agremiação política criada a partir de um ato impositivo da ditadura militar. Na busca de estruturar um cenário de quadros políticos que beneficiasse o novo governo, que não se via representado por um partido forte do período anterior, fez-se necessária a extinção dos antigos partidos, dos expurgos por meio de cassações de opositores e da delimitação para formação de novas agremiações partindo do Congresso Nacional. Esse contexto proporcionou uma oposição limitada em sua constituição, além de congrega diferentes ideologias políticas em seu quadro.

Essas diferenças eram nítidas em seu interior. Isso possibilitou a formação de grupos internos, com diferentes frações que tinham maneiras diferentes de atuar como oposição. Mas enquanto partido que tinha como “função” ser oposição ao regime militar, surgiram grupos, em contextos históricos e políticos diferentes, que buscavam de fato exercer a posição de contestar a ordem vigente.

Dentre esses grupos destacamos 2: os imaturos e os autênticos. Os primeiros surgiram em 1966, junto a nova reestruturação partidária. Buscando realizar um papel efetivo de oposição, tinham posicionamentos e atuação considerada radical. Entretanto, os imaturos, o jovem grupo combativo das fileiras emedebistas, sofreram o duro golpe do AI-5 e as perseguições e cassações que se seguiram a ele. Devido a esse contexto, o MDB perdeu sua voz mais atuante e imergiu em um processo de apagamento em sua atuação. Foi seguida a sua inibição, sua maior derrota eleitoral em 1970.

Já o segundo grupo organizado dentro do MDB, em um contexto diferente, mas que também buscavam ter uma posição de oposição mais efetiva à ditadura, foram os autênticos, eleitos para a legislatura de 1971. Essa fração do partido surgiu em meio ao processo de rearticulação do partido e foi responsável também por participar e pressionar por esse projeto de renovação da força oposicionista. Nasceram de um contexto arbitrário, sem medo de fazer uma contundente oposição, pressionando o próprio partido a tal posição mais incisiva contra o regime autoritário. Com suas atitudes e propostas, conseguiram contribuir para uma nova postura e identidade partidária junto ao eleitorado.

Em suma, esse processo nos ajuda a compreender o surgimento e organização do MDB desde seu surgimento a sua constituição atual. É um partido, por natureza, de formação heterogênea.

## **Referências**

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

ARQUIVO Ernane do Amaral Peixoto (EAP), do CPDOC. EAP mdb 1966.08.06. p. 54.

ATO COMPLEMENTAR Nº4, de 20 de novembro de 1965.

ATO INSTITUCIONAL Nº 2, de 27 de outubro de 1965.

AZEVEDO, Débora Bithiah de; RABAT, Márcio Nuno. *Parlamento mutilado: deputados federais cassados pela ditadura de 1964*. [recurso eletrônico] Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2012.

BENEVIDES, Maria Victória. *Udn e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1980. Versão online. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2015/04/A-UDN-e-o-Udenismo-M-Victoria-Benevides.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Diário do Congresso Nacional*. Ano XXVII, nº 42. Quinta-feira, 8 de junho de 1972.

FERREIRA, Rafael Leite. *Uma flor fura o asfalto: o MDB em Pernambuco (1965-1979)*. Tese de doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2018.

GRINBERG, Lucia. *Partido político ou bode expiatório: um estudo sobre a Aliança Renovadora Nacional (Arena), 1965-1979*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

JORNAL DO BRASIL. Análise entre 1965-1978.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. Análise entre 1965-1978.

JORNAL O ESTADO DO BRASIL. Análise entre 1965-1978.

KINZO, Maria d'Alva G. *Oposição e autoritarismo: gênese e trajetória do MDB (1966-1979)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

LERER, David (1967). *Acervo CPDOC*. Arquivo Ernane do Amaral Peixoto (EAP). EAP mdb 1966.08.06. p. 54.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Partido e Sociedade: A trajetória do MDB*. Ouro Preto: UFOP, 1997.

NADER, Ana Beatriz. *Autênticos do MDB: história oral de vida política*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

PECORARO, Tamires Mascarenhas. *O MDB durante o governo Geisel (1974-1978): a atuação parlamentar do partido de oposição à ditadura após as eleições de 1974*. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

REIS, Fábio Wanderley. *Mercado e Utopia*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.



SARTORI, Giovanni. *Partidos e sistemas partidários*. Trad. Waltensir Dutra; apresentação à edição brasileira do Prof. David Fleischer. – Ed. Brasileira ver. e ampl. - Rio de Janeiro: Zahar; Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1982.

SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. 3ªed., trad. Mário Salviano Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Flávia Amorim. *Chico Pinto e os Autênticos do MDB: atuação no campo político brasileiro (1971- 1982)*. Mestrado (dissertação). Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2013.